

A VELHICE NOS CAMINHOS DA INFORMALIDADE: trabalhando para viver ou vivendo para trabalhar?¹

Juliana Britto Campos
Raimunda Silva d'Alencar

Resumo: As características do mercado de trabalho brasileiro vêm permitindo, ao longo do tempo, a ocupação precoce de crianças e jovens no mundo do trabalho, ao tempo em que reaproveita um contingente de pessoas legalmente jubiladas desse mesmo mercado, por haver cumprido o tempo regular de produtividade e força física. A ocupação informal vem garantindo sobrevivência para parcela relevante da população, inclusive do idoso, ainda que já aposentado. Este texto propõe conhecer um pouco das motivações desse sujeito idoso para permanecer trabalhando, ainda que sob condições precárias de inserção, a satisfação e impacto desse trabalho sobre a sobrevivência da família e a percepção que têm do trabalho que desenvolvem. A pesquisa foi desenvolvida em um centro comercial do município de Itabuna, sul da Bahia, com a utilização da entrevista semi-estruturada com dezesseis idosos, entre homens e mulheres. Apesar de se constituir como uma necessidade fundamental para a sobrevivência da família, e apesar de um trabalho desenvolvido sob precárias condições, os idosos têm no trabalho um elemento de satisfação com a vida, de prazer e alegria de viver.

Palavras-chave: velhice, trabalho informal, velhice produtiva, economia informal

¹ Artigo extraído da pesquisa para trabalho de conclusão de curso de Economia. 2005

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, o trabalho passou por diferentes significados, que variaram da punição ao poder, da maldição da bíblia à salvação. Nessa trajetória, é possível identificar a existência de dois tipos de trabalhadores: um que trabalha por necessidade ou obrigação, outro que o faz por prazer, por satisfação, porque se realiza naquilo que faz.

Na atual realidade brasileira, a onda de desemprego faz aumentar o volume de pessoas sobrantes que entra no mundo da informalidade, cuja característica é ausência de garantias previdenciárias, de salários, férias, décimo terceiro.

Embora difícil de quantificar, a economia informal vem ganhando importância cada vez maior sobre toda a riqueza produzida pelo País. Em períodos de elevadas taxas de desemprego, o Brasil chega a ocupar o nono lugar no *ranking* da informalidade, o que significa economia não-declarada, e se manifesta na compra e venda de produtos sem nota à sonegação fiscal e contratação irregular de trabalhadores.

No sul da Bahia, é comum que pessoas não encontrem onde trabalhar, até mesmo naquelas atividades sem exigência de escolaridade. Jubilados do emprego formal, em que cumpriam horários de trabalho e tinham a certeza do salário no fim do mês, essas pessoas se tornam sobrantes e entram no mundo da informalidade, acompanhadas de incertezas e di-

ficuldades de toda ordem para cobrir as necessidades básicas de sobrevivência.

O trabalho informal, após uma certa idade, além dos aspectos apresentados, só se justifica numa sociedade que remunera mal seus trabalhadores ou não cria as condições que lhes garantam inserção na formalidade. Mesmo mal remunerados, os trabalhadores idosos

“
O trabalho
informal só se
justifica numa
sociedade que
remunera mal

”

de Itabuna² tentam garantir, com mais trabalho, um pouco da qualidade de vida que já deveria ter sido garantida por direito e pelo longo e precioso tempo de contribuição à previdência. É visível em Itabuna, sul do Estado da Bahia, o substancial crescimento do setor informal, caracterizado pelo comércio de gêneros alimentícios, frutas e verduras, além de rou-

pas, cintos, CDs, DVDs, brinquedos, alimentação pronta, e outros produtos.

Dentro desse contexto, os objetivos deste trabalho de pesquisa consistiram em conhecer um pouco da realidade dos trabalhadores in-

² Trata-se de cidade que fica a aproximadamente 429 km da capital do Estado, Salvador, e limita-se ao norte com os municípios de Lomanto Júnior e Itajuípe; ao sul com Jussari e Buerarema; ao oeste com Itapé e Ibicaraí e ao leste com Ilhéus. A área total do município é de 580,49 km², e sua área urbana é de 65,93 km².

formais com idades a partir de sessenta anos, as motivações que os mantêm no trabalho informal, a satisfação e perspectiva com relação à atividade de vendedor ambulante, as condições sob as quais a desenvolvem, bem como o impacto da renda desse idoso na sobrevivência da família.

Considerando-se esses objetivos, foram realizadas entrevistas estruturadas, com registro em formulário criado para tal finalidade, além da observação, junto a indivíduos com idades acima de sessenta anos, homens e mulheres, trabalhadores por conta própria, instalados no Centro Comercial da cidade de Itabuna. Nessa entrevista, levou-se em conta aspectos de: ocupação anterior, escolaridade, saúde, idade, renda, moradia e, finalmente, o significado de trabalho para o informante.

Os idosos foram selecionados entre um universo de 70 trabalhadores ambulantes do Centro Comercial de Itabuna, privilegiando-se os 16 ambulantes encontrados com idade superior a 60 anos.

DESEMPREGO E TRABALHO INFORMAL

O trabalho, a força de trabalho em ação, é a atividade peculiar do operário, do trabalha-

dor, seu modo próprio de manifestar a vida. Diferentemente de outros animais, o homem usa o trabalho não só para transformar a realidade, mas para criar significados. É que, na ação sobre o mundo/objeto, o homem põe as forças naturais que formam o seu corpo, seus braços e pernas, cabeça e mãos, para poder assimilar, de forma útil para a sua própria vida, a matéria da natureza. Atuando sobre o mundo e objetos, ele os transforma; ao mesmo tempo, transforma sua própria natureza. Assim, dizem Soratto e Olivier-Hecler (1999, p. 112): “o trabalho, enquanto atividade criativa e de transformação, modifica não apenas o mundo, mas, também, o homem que o executa”.

Ao mesmo tempo em que o trabalho engrandece, ele pode, também, degradar o homem. Ainda assim, é com o trabalho que ele busca satisfazer as suas necessidades materiais (casa, comida, roupa, lazer etc.) e, também, as necessidades afetivas (reconhecimento, satisfação etc.). De acordo, ainda, com esses autores (idem, p. 115), no trabalho o homem deposita suas queixas e insatisfações, mas também suas alegrias e sonhos. Assim, o não-trabalho, o desemprego, é um dos mais complexos problemas das sociedades contemporâneas, já que o trabalho representa a independência individual, a renda que garante sobrevivência das pessoas e o seu *status* social. Sendo assim, o desemprego produz o agravamento de problemas sociais que excluem, fa-

zem perder a auto-estima, promovem e acentuam a desigualdade social, fazem aumentar os índices de violência, entre outros.

A informalidade, de um modo geral, é subproduto do desemprego. São milhões de demissões e falta de novas vagas sem o mínimo de garantias e, pior, de perspectivas.

Mesmo com os programas assistenciais, as desigualdades sociais vigentes no País tornam-se mais agudas na velhice, principalmente quando se leva em consideração que as transformações sociais desenvolvidas nos últimos anos com o rápido processo de urbanização, têm provocado o enfraquecimento das relações na comunidade e na família, tradicionais suportes na integração e cuidados ao idoso.

As transformações ocorridas na economia nos últimos anos trouxeram profundas modificações na estrutura e nas condições de funcionamento do mercado de trabalho. Essas alterações, responsáveis, em grande medida, pela ampliação do desemprego e pelo incremento de várias formas de precarização da mão-de-obra, envolveram segmentos importantes da força de trabalho. Embora irreversível, o progresso tecnológico é considerado por alguns estudiosos como não causador de desemprego³, enquanto outros o responsabilizam.

³ O que implica dizer que o desemprego é conseqüência do despreparo, desqualificação da mão-de-obra às novas oportunidades de trabalho criadas pela tecnologia.

Nesse ambiente econômico, a população idosa, que já se configurava como um dos segmentos mais vulneráveis quanto à sua participação como força de trabalho, cuja inserção na ocupação já tomava as posições mais precárias, passa a ser ainda mais penalizada. Isto sem considerar que o afastamento

“
A inatividade
vem geralmente
acompanhada
de queda nos
rendimentos

”

dos idosos das atividades produtivas significa, de modo geral, uma situação de precariedade e não a conquista de um benefício recebido após uma longa vida de trabalho, uma vez que a inatividade vem geralmente acompanhada, além das perdas sociais, de queda significativa nos rendimentos, com limitadas possibilidades de obter novas ocupações em vista das deficiências educacionais e da competição com os jovens, num mercado de trabalho cada vez mais restritivo.

O desemprego, portanto, se constitui em um dos grandes desafios a ser enfrentado por governos e sociedade, com políticas que gerem mais vagas no mercado formal, melhorem a relação capital-trabalho e ofereçam condições a que mais pessoas participem da geração de riqueza, minimizando o problema para os diversos segmentos que desejam ser úteis e produtivos.

VELHICE E TRABALHO: VOCAÇÃO OU NECESSIDADE?

A crescente onda tecnológica tem avanços e recuos, alguns positivos outros não tanto, que requerem uma análise mais apurada, a exemplo da Globalização, que, se de um lado amplia mercados, amplia conhecimentos e dizem dela implementadora da melhoria da qualidade de vida, de outro gera *stress*, exige do ser humano além da sua própria competência intelectual e física, sem contar a segregação produtiva que gera, especialmente quando alija a população menos qualificada, ou de avançada idade, do mundo do trabalho.

O trabalho informal, independente do seu conteúdo, está sendo visto como saída para um problema social dos mais sérios na contemporaneidade. Assim como milhões de brasileiros buscam o sustento, e de seus dependentes, ocupando-se em atividades de vendedor, prestador de serviços, outros milhões de cidadãos não encontram, sequer, essa opção.

Esta situação, associada ao aumento na expectativa de vida, que vem contribuindo para uma mudança na estrutura demográfica do Brasil, ajuda a determinar uma condição ainda mais precária para os mais velhos. Esta nova tendência traz demandas de conteúdo social e econômico, fazendo com que alguns trabalhadores sejam

obrigados a buscar formas alternativas de sobrevivência.

No caso dos idosos, dois fenômenos são destacados. Para não reduzir seu padrão de vida, muitos deles são forçados a prolongar sua permanência no mercado de trabalho; outros, ainda, são obrigados a retornar a este mesmo mercado para garantir condições mínimas de sobrevivência. Não se tem dúvidas de que o envelhecimento

“
O envelhecimento
populacional
tende a causar
fortes impactos
sobre as contas da
previdência
”

populacional tende a causar fortes impactos sobre as contas da previdência pública, com preocupantes desdobramentos para toda a sociedade, uma preocupação contábil importante.

No Brasil, não existe impedimento legal algum para que o aposentado continue ou se (re)insira no mercado de trabalho. Pelo contrário, esse comportamento pode vir a ser incentivado, uma vez que esse aposentado pode continuar contribuindo para a previdência, aumentando a receita do Estado e, assim, auxiliando na redução do déficit previdenciário, embora não seja consenso de que esse déficit seja causado pelo envelhecimento, mas por outros motivos. Além disso, a contratação de um idoso apresenta, para quem o emprega, algumas vantagens

em termos de custos comparativos em relação à contratação de um jovem. Por exemplo, o empregador não precisa pagar vale-transporte para o maior de 65 anos, que, por sua vez, não entra em fila e, portanto, pode agilizar o serviço. Acrescente-se a isso o fato de que um idoso aposentado pode aceitar com mais facilidade um emprego de menor rendimento e de baixas garantias trabalhistas.

Em função de ter uma aposentadoria insuficiente ou até mesmo por não ter esse benefício para manter um padrão de vida razoável, idosos procuram no mercado de trabalho informal uma forma de aumentar a renda e garantir sobrevivência mínima para a família. A renda é um determinante essencial na (in)dependência do idoso. É a sua maior ou menor renda que lhe tem propiciado capacidade, ou não, de suporte familiar. Há estudos que mostram o relevante papel que tem assumido o idoso frente às novas necessidades das famílias, que estão recebendo de volta seus filhos ou filhas que saíram, constituíram famílias e, por falta de emprego ou dissolução dos relacionamentos, retornaram aos antigos lares.

No trabalho informal, cuja característica é a heterogeneidade, pode-se encontrar, desde os trabalhadores sem carteira, a autônomos e pequenos empregadores. O seu espectro se desdobra desde o comércio am-

bulante à pequena produção familiar, incluindo prestadores de serviços, guardadores de carros e outros; é composto por agentes que atuam à margem da regulação do Estado.

“
No trabalho informal, a característica é a heterogeneidade
”

Assim, o emprego no setor informal se caracteriza por baixos salários, inexistência de proteção previdenciária, de leis trabalhistas, de benefícios por doenças, más condições de trabalho, instabilidade, acesso limitado à qualificação profissional e a capital para investir.

Apesar disso, constitui-se num amortecedor e redutor aparente do desemprego, acalmando - ainda que de forma precária - impactos mais negativos sobre o trabalhador.

PERFIL E EXPECTATIVAS DOS IDOSOS NA INFORMALIDADE DO TRABALHO

Embora a aposentadoria signifique *retiro profissional*, Camarano (1999, p. 31) afirma que, “no caso da PEA [idosa] masculina, apenas 45,6% não eram aposentados; os restantes 54,4% eram constituídos por aposentados que continuaram trabalhando”. No caso específico da realidade de Itabuna, os dados encontrados dão conta de

que, no trabalho informal do Centro Comercial de Itabuna, local desta pesquisa, a predominância é para os homens (81,25%), com idades entre 60 e 80 anos, aposentados (75% deles); sem qualquer escolaridade (62,5% são analfabetos e 37,5% sabem ler e escrever); casados (69%); 81% começaram a trabalhar com idade inferior a dez anos; 69% não recebem qualquer ajuda dos filhos; 81% chefiam as famílias; 75% possuem domicílio próprio.

“
Para os idosos
pobres, as
aposentadorias
significam cerca
de 50% da renda
domiciliar
”

De acordo, ainda, com Camarano (2001, p. 16), “a maior parte da renda dos idosos provém das aposentadorias e pensões e essa importância tem crescido ao longo do tempo, tanto para homens quanto para mulheres”. Para os idosos pobres, as aposentadorias significam cerca de 50% da renda domiciliar total, enquanto para os não-pobres representam 37%.

O nível de escolaridade dos idosos desta pesquisa é, de forma geral, baixo, com 62,5% de analfabetos e pouco mais de 31% com primeiro grau incompleto. Quanto ao estado civil, os dados revelaram que 68,75% são casados, moram com suas famílias, seguidos de viúvos (18,75%) e solteiros (12,5%).

É importante considerar que os idosos aqui analisados começaram a trabalhar muito cedo, até mesmo com menos de dez anos de idade, para ajudar os pais na complementação da renda familiar. As experiências desse trabalho ainda criança são as mais diferentes: babá, trabalhadores rurais desde os oito anos de idade, matadores e vendedores de gado, balconistas, lavadeiras.

Cerca de 69% dos entrevistados não recebem ajuda de filhos nas despesas da família. Embora os filhos já possuam uma idade avançada, estão desempregados e retornaram à casa dos pais idosos para serem por eles sustentados. Os filhos morarem junto pode ser consequência de crises econômicas que os levam a retornar depois de casados ou, simplesmente, adiaram a

saída de casa. Alguns desses idosos convivem com os netos no mesmo espaço. Dos entrevistados, apenas 31% dos idosos recebem ajuda dos filhos para as despesas da casa, o que significa que, com os rendimentos da aposentadoria e trabalho informal, dificilmente conseguiriam, sozinhos, garantir essa manutenção.

Os idosos, na sua grande maioria, continuam trabalhando por necessidade (87,5%),

“
Alguns idosos
convivem com
os netos no
mesmo espaço

”

alguns deles lamentando que sejam obrigados a fazê-lo para complementar sua renda mensal. Já os demais (12,5%) trabalham porque gostam de se manter ocupados, não desejam parar. Para alguns, “trabalho para me distrair”, “além de ajudar na despesa, trabalho para exercitar o corpo”.

Em termos de saúde, é importante realçar a qualidade de vida ou sobrevida dos idosos. Existem doenças crônicas que atingem a população idosa e representam uma ameaça à autonomia e independência dos mesmos. Embora esse estudo não se tenha proposto a avaliar o estado de saúde dos idosos ambulantes, foi possível constatar

que 87,5% deles dependem do Sistema Único de Saúde para sua assistência.

De fato, o papel do idoso no apoio econômico das famílias pode ser observado através da contribuição de sua renda pessoal, na condição de chefia. Esta pode ser uma situação prejudicial para o

idoso, quando se tem presente que a ajuda econômica à família, na maior parte das vezes, vem em detrimento de sua própria qualidade de vida, dado que ele atravessa um momento em que mais necessita de segurança e tranquilidade para o atendimento de suas necessidades.

“
Os idosos
continuam
trabalhando por
necessidade

”

Com a ampliação do desemprego e o incremento de várias formas de precarização da mão-de-obra, as famílias acabam dependendo mais de seus idosos, que passam a contribuir com os benefícios previdenciários ou com a renda do trabalho, e até mesmo os dois, na renda familiar. Em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, onde os jovens encontram dificuldades no mercado de trabalho, cabe aos idosos, com os seus rendimentos, seja da aposentadoria e/ou do trabalho informal, arcarem com todo, ou boa parte, do orçamento familiar. Essa situação pode estar revelando que a contribuição da renda do idoso na renda familiar é mais expressiva em famílias com menor nível de renda.

“
No mercado
de trabalho, a
contribuição do
idoso na renda
familiar é mais
expressiva em
famílias com
menor nível de
renda
”

A entrada no mundo da informalidade é consequência, de acordo com as respostas dos entrevistados, da absoluta necessidade, por força das baixas aposentadorias que, no entender dos entrevistados, são insuficientes para cobrir as despesas; enquanto isso, 25% afirmam que o trabalho informal é para não ficar parado e acabar adoecendo e 12,50% por não ter oportunidade no mercado formal.

É importante considerar que, mesmo tendo iniciado no mundo do trabalho muito cedo, e mesmo com as experiências que tiveram nas fases pretéritas da vida, com ocupações nem sempre bem remuneradas, principalmente porque são ocupações sem exigências de qualificação, geralmente desenvolvidas sob condições precárias e desconfortáveis, esses idosos têm com o trabalho uma relação de prazer.

Para eles, o trabalho pode significar utilidade, saúde, suprimento de necessidades e lazer, ao mesmo tempo.

“
Esses idosos têm
com o trabalho
uma relação de
prazer

”
Por exemplo: a) *dom da vida; a melhor coisa do mundo;* b) *sustento e diversão ao mesmo tempo, pois ficar em casa dá tristeza e acaba doente;* c) *saúde;* d) *é uma necessidade e todos precisam trabalhar;* e) *distração, pois ficar no meio de amigos o tempo passa mais rápido;* f) *é uma necessidade do homem;* g) *é vender a mercadoria e receber o dinheiro;* h) *é luta, eu só estou bem quando estou trabalhando, pois trabalho é saúde.*

Quanto às possibilidades de fazer novas atividades, gostariam: de viajar conhecendo o mundo e visitando familiares que moram em outras cidades (56,25% deles); de estar curtindo a tranquilidade do meio rural (18,75%); de sair por aí pregando o

evangelho (12,50%); ou de estar bordando e costurando (6,25%). É provável que o desejo de se ocupar com algo diferente do cotidiano tenha relação direta com as impossibilidades ou com as perdas que limitam a sua ação. No imaginário desses idosos, estão presentes expectativas de troca dos espaços individuais pelos coletivos como viajar, visitar parentes e amigos; ou atividades religiosas, o que significa que a religião pode se constituir numa força social integradora importante para esses idosos, inclusive com repercussões na atribuição do valor que dão ao trabalho.

No estudo do perfil do idoso que hoje trabalha como ambulante, pode-se constatar pelas informações que o trabalho faz parte das suas vidas desde a infância, sugerindo que a precocidade da entrada no mundo do trabalho acabou determinando a sua permanência mesmo após jubilado dele.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, A. A. O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. In: **Jornal de Opinião**, 1999.

_____. O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. Rio de Janeiro, IPEA, **Texto para Discussão no. 830**, outubro, 2001.

Disponível em www.ipea.gov.br. Acesso em:
mar. 2003.

SORATTO, L.; OLIVIER-HECLER, C.
Trabalho: atividade humana por excelência.
In: CODO, W. (Coord.). **Educação**: carinho e
trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes/Universidade
de Brasília/Laboratório de Psicologia do
Trabalho, 1999. p. 111-121.